

## SEXTING: modismo inconsequente ou cyberbullying intencional? Algumas reflexões necessárias.

**Camila Detoni Sa de Figueiredo**  
camiladsaf@gmail.com

**Sonia Maria Martins de Melo**  
UDESC  
soniademelo@gmail.com

Este artigo objetiva levar ao leitor uma reflexão sobre *Sexting*, prática cada vez mais comuns entre crianças, adolescentes e adultos jovens. Para tal, dividiu-se o artigo em quatro momentos: descrição do que representou a modernidade em termos de transformações na humanidade segundo Bauman (2001) e Berman (1986), e o momento atual, chamado de Sociedade do Espetáculo (Debord, 2003), além da questão da individualidade por Turkle (2012). No segundo, descreve-se o jovem de hoje, nascido em um mundo videotecnológico, conectado (Sartori, 2012), em que as mídias<sup>1</sup> são parte do cotidiano. No terceiro, busca-se aprofundar a compreensão e contextualização do *Sexting* hoje. Para concluir, aponta-se a necessidade de achar caminhos para auxiliar na compreensão de adolescentes, pais e educadores sobre o fenômeno.

---

<sup>1</sup>Para Sartori (2012), mídia é todo dispositivo que viabiliza a comunicação. Esse conceito é o que norteia nossa discussão, porém as mídias específicas a que nos referimos são o computador, a internet, as redes sociais (facebook, twitter e youtube) e os aplicativos como o Whatsapp e Instagram.

A modernidade, que iniciou no século XVI, foi um dos momentos mais transformadores da humanidade, com movimentos como o Iluminismo, Revolução Industrial e Inglesa e a Reforma Protestante. Essas transformações, fruto das relações humanas em novos arranjos sócio-econômicos marcaram a ciência, a economia, os sistemas de produção e trabalho, a política, as relações sociais, a saúde, cultura, as artes, além de mudar paradigmas. Com relação a construção do conhecimento, o paradigma passou do idealismo para o materialismo; do paradigma teocêntrico para o antropocêntrico (Cardoso apud Teixeira 2005). Na economia ocorre a reestruturação das relações de produção, com a transição do feudalismo para o capitalismo. Nestes, visavam-se, respectivamente: a subsistência e o acúmulo de capital.

Segundo Marcuse (apud Nunes, 1996), no capitalismo, com a negação do princípio do prazer, a compulsão tecnocrática a produção e a perda do sentido da existência, estabelece-se a alienação do afeto, a desumanização.

Cada nova descoberta transforma a humanidade e a invenção de tecnologias de comunicação por seres humanos avançou quantitativa e qualitativamente, subsidiando mudanças significativas no modo de vida humano.

Segundo Berman (1986) a modernidade se divide em 3 momentos: primeiro, momento de transição, marcado por sentimentos de agitação e turbulência; o segundo marcado por : Revolução Francesa, máquinas a vapor, rápido crescimento urbano e dos movimentos sociais de massa, e comunicação em escala cada vez maior pelos os instrumentos de mídia. No terceiro tem-se a perda da capacidade de organização, de dar sentido a vida, com mais invenções no campo da mídia eletrônica e disciplinas científicas, com pensamento estagnado, regredido.

Segundo Bauman (2001), a modernidade se divide em: pesada (hardware), caracterizada pelo interesse em grande volumes, e pela riqueza geográfica e leve (software) que inicia no século XX. Nessa, o que importa é o tempo, com mudanças cada vez mais velozes, estando o ser humano em busca de algo para preencher o vazio existencial, tentando alcançar a instantaneidade, como aponta Turkle (2012). Bauman (2001), destaca ainda que na modernidade leve, o controle se dá pelos elos que ligam as

escolhas individuais em projetos e ações coletivas. Escolhas individuais que tornam-se ação coletiva, pois podem ser visualizadas por muitos: a participação nas redes sociais com fotos e mensagens postadas sobre a vida cotidiana via celular e aplicativos. É a vida em um eterno panóptico, em uma sociedade do espetáculo (Debord, 2003).

Nessa sociedade do espetáculo (Debord, 2003), as pessoas criam imagens de si visando chamar a atenção e/ou atender ao padrão do atual contexto social, cultural, econômico e político, estabelecendo relações superficiais. Não há espaço para o diálogo, enquanto encontro entre duas pessoas que buscam criar laços (Buber, 1982).

A geração criada/nascida nessa sociedade, chamada por alguns pesquisadores de Geração M, é composta por indivíduos com até 28 anos, inseridos em um mundo digital, junto à internet, às redes sociais (*facebook* e *youtube*), aos aplicativos (*Whatsapp* e *Instagram*). Segundo estudos realizados pela *Kaiser Family Foundation* e dirigida pela Universidade de Stanford (2005), essa geração pode ser chamada de Geração M, por ter a capacidade de fazer muitas coisas ao mesmo tempo: desdobram seu “*browser*”, em diversas abas ou janelas; conversam com várias pessoas “*on-line*”, através do programa “*Messenger*” (MSN), ouvem música no “*Moving Picture Expert Group 3- (MP3 ou MPEG3)*”, assistem à televisão, estudam ou trabalham, com o celular sempre por perto na espera de ligação ou recebimento de mensagem. Sua atenção é multiplicada para acompanhar, ou tentar acompanhar a intensa velocidade do mundo.

Rivoltella (2007) compartilha da ideia de que a geração M é capaz de realizar várias tarefas, simultaneamente e pontua que isso lhe confere uma elaboração cognitiva rapidíssima mas superficial. Nessa nova realidade, transformam-se as relações sociais, a aprendizagem, o pensamento e sua elaboração, a assimilação e a produção do conhecimento.

Nesse mundo conhecido a Geração M tem revelado, crescentemente, fatos de suas vidas, o que pode colocá-los em situação de risco. Nessa sociedade os indivíduos se encontram sozinhos e juntos Turkle (2012), pois, a medida que compartilho ideias, pensamentos, emoções e fatos de minha vida na rede, tenho atenção por meio das curtidas, dos feedbacks, das cutucadas. A falta de distinção entre realidade e fantasia, a

superficialidade dos vínculos e da elaboração do pensamento, a necessidade de atenção e de exibicionismo podem ser a causa de fenômenos como *Sexting*. O termo foi utilizado pela primeira vez em 2005 e desde então, tem se tornado comum a essa geração. Vem sendo estudado e debatido em vários países do mundo, sendo que, em sua maioria, a discussão visa principalmente, a criminalização do mesmo.

No que diz respeito a definir *Sexting*, percebe-se em pesquisas estudadas as seguintes dificuldades no que se referem a elaboração de critérios e dados universais, globalizados: estabelecer critérios conceituais (Augustina e Duran, 2012, Lounsbury, Mitchel e Finkelhor, 2011), definir as atividades a serem englobadas no fenômeno, uso de diferentes metodologias e de amostras com grupos de faixas etárias diferentes, além da falta de precisão para descrever essa palavra (Mattey e Diliberto, 2013) e (Strassberg, McKinnon, Sustaita e Rulloapud Augustina e Duran 2012). Um ponto em comum entre esses conceitos é que todos se referem à imagens íntimas.

Para esse trabalho, unem-se os conceitos de Lenhart (2009) e Agustina e Gomez-Duran (2012), definindo *Sexting* como enviar, postar, receber e compartilhar imagens ou vídeos íntimos, ou mensagens excitantes ou ainda uma imagem/vídeo seu, seminua ou nu por meio do celular e das mídias eletrônicas (computador, redes sociais, internet).

No Brasil, a mídia vem noticiando vários tipos de cyberbullying exercidos a partir do *Sexting*, com divulgação de imagens sem o consentimento de envolvidos, o que tem levado jovens ao suicídio. Segundo reportagem da revista *Época*, de 25/11/2013, duas adolescentes brasileiras e outras seis mulheres norte-americanas se suicidaram após terem tido imagens íntimas espalhadas na internet. Outros casos graves já ocorreram e vem ocorrendo em nosso país, inclusive envolvendo violência sexual, como a filmagem e postagem, no *youtube*, do abuso de uma adolescente por dois rapazes. Em uma cidade catarinense uma adolescente de 12 anos, atendida por uma das autoras, psicóloga de formação e profissional de um Núcleo de Educação, Prevenção, Atendimento e Atenção as Vítimas de Violência – NEPRE, teve uma foto seminua sua divulgada em todos os celulares da escola por um colega. A mesma disse ter postado a foto no *Facebook* acreditando que ninguém mais teria acesso.

Ao pesquisar sobre o fenômeno nota-se seu crescimento, assim como a ocorrência de várias discussões sobre o mesmo em termos da necessidade de orientação e prevenção nas famílias e escolas, pois no Brasil alguns casos foram enquadrados como pornografia infantil, segundo o artigo 241 do Estatuto da Criança e do Adolescente, ECA - Lei nº 8.069 de 13 de Julho de 1990.

Mas, apesar deste marco legal, nas redes sociais muitos jovens praticam *Sexting* como uma atividade cotidiana. Mesmo que na internet já existam sites com notícias sobre o lado negativo dessa prática e os cuidados que se deve ter, apontando o *Sexting* como comportamento de risco, é preciso refletir profundamente sobre o que acontece nos dias de hoje, porque os jovens estão aderindo a essa prática, quais os riscos reais e como a família e escola devem orientar filhos e alunos sobre essa questão, buscando uma concreta prevenção dos riscos a que estão expostos com o uso indevido, irresponsável das várias ferramentas midiáticas.

Para a compreensão deste fenômeno faz-se necessário um estudo aprofundado sobre o contexto atual em que jovens estão se expondo para chamar a atenção e as consequências desse contexto para a educação. Um estudo envolvendo jovens, familiares e educadores com o intuito de desvelar qual a sua compreensão sobre o *Sexting* será uma contribuição valiosa para desvelar as razões desse comportamento e seus reflexos nos espaços educativos formais e informais, visando subsidiar novas propostas pedagógicas que auxiliem na prevenção dos riscos a que estão submetidos pela prática do *Sexting*, na busca do uso responsável das tecnologias.

## Referências

AUGUSTINA, Jose R. Esperanza L. Gómez Duran. **Sexting: Research Criteria of a Globalized Social Phenomenon**. Published online in October 19, 2012 at <http://link.springer.com/article/10.1007/s10508-012-0038-0#page-1>, Springer Science+Business Media New York 2012. Disponível em 29 de outubro de 2013, as 14 horas e 30 min.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BERMANN, Marshall. **Tudo o que é sólido desmancha no ar: A aventura da modernidade.** Trad.: [Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Loriatti]. Companhia das letras, São Paulo, 1986.

BUBER, Martin. **Eu e tu.** São Paulo: Cortez e Moraes, 1977.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo.** Digitalização em PDF, originária de [www.geocities.com/projetoperiferia](http://www.geocities.com/projetoperiferia), 2003.

GUIMARÃES, Camila. Ana Luiza Cardoso. **Sexo, Chantagem e Internet.** *Época*, Edição 809, pgs. 82 a 90, 25 de novembro de 2013.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e Tecnologias: O Novo Ritmo da Informação.** Campinas, SP: Papirus, 2007.

NUNES, Cesar Aparecido. **Filosofia, Sexualidade e Educação: as relações entre os pressupostos ético-sociais e histórico-culturais presentes nas abordagens institucionais sobre a educação sexual escolar,** 1996.

Rivoltella Pier Cesare. **Falta Cultura Digital na Sala de Aula.** Revista NOVA ESCOLA Edição 200, Março 2007. Disponível em <http://revistaescola.abril.com.br/formacao/formacao-continuada/pier-cesare-rivoltella-falta-cultura-digital-sala-aula-609981.shtml>, acesso em: 22/03/2013, as 9:30h.

SOUZA, Kamila Regina de. **Desenhos Animados e Educomunicação: As Brincadeiras das Crianças e A Prática Pedagógica da Educação Infantil.** Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Mestrado em Educação, Florianópolis, 2013.

TURKLE, Sherry. **Alone Together: Why We Expect More From Technology and Less From Each Other.** Philadelphia USA: Basic Books, 2012.

KAISER FAMILY FOUNDATION.

<http://kaiserfamilyfoundation.files.wordpress.com/2013/01/generation-m-media-in-the-lives-of-8-18-year-olds-report.pdf>

MATTEY, Beth and Gail MatteyDiliberto. Artigo original: **Sexting- It's in the Dictionary.** Disponível em [HTTP://nas.sagepub.com/content/28/2/94](http://nas.sagepub.com/content/28/2/94) em 29 de outubro de 2013, as 15 hrs.

TEIXEIRA, Elizabeth. **As três metodologias: Acadêmica, da Ciência e da Pesquisa.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.